



CENTRO PAULA SOUZA
ETEC DR^a RUTH CARDOSO
CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM

**A IMPORTÂNCIA DO BRINQUEDO TERAPÊUTICO NO TRATAMENTO
DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM
UNIDADES HOSPITALARES: Ênfase na atuação do Técnico de Enfermagem.**

Elisabete dos Santos Castro

Letícia Ribeiro Leal

Suellen Ventura dos Santos

Solange Maria Freitas do Nascimento

RESUMO: O uso do brinquedo terapêutico (BT) em pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma estratégia de cuidado integral, individualizado e humanizado, que reconhece a criança como sujeito ativo no processo de saúde. Sua utilização contribui para o bem-estar físico, emocional e psicológico da criança, tornando o ambiente hospitalar mais acolhedor e menos traumático. Desafios de manejo em unidades hospitalares com crianças que apresentam o quadro de TEA, dificultam a conexão entre o paciente e os serviços a serem executados. Este presente estudo teve como objetivo identificar os principais desafios enfrentados pelo Técnico de Enfermagem em pacientes com Transtorno do Espectro Autista propondo a estratégia do brinquedo terapêutico como auxílio e promoção nos cuidados, adesão ao tratamento e a realização de procedimentos de forma segura e humanizada. A

metodologia utilizada foi a revisão sistemática da literatura (2020–2025), com ênfase em estudos brasileiros sobre desafios da enfermagem, protocolos de segurança e dados institucionais. Conclui-se que a adesão ao brinquedo terapêutico em uma unidade hospitalar auxilia na capacitação de profissionais da área sobre o manejo e importância de sua implementação, prevenção de riscos ou desconforto ao serviço ou técnica a ser utilizada no paciente e redução de práticas desumanizadas, aliada a políticas e normas de segurança padronizadas pelas instituições. A enfermagem deve liderar mudanças culturais, valorizando educação permanente, empatia e o cuidado com o manejo e a interação com a criança portadora de TEA.

PALAVRAS-CHAVE: Brinquedo Terapêutico, TEA, Assistência, Humanização.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Steele (1981), o brinquedo terapêutico constitui-se num brinquedo estruturado para a criança aliviar a ansiedade gerada por experiências atípicas para sua idade, que costumam ser ameaçadoras e requerem mais do que recreação para resolver a ansiedade associada, devendo ser usado sempre que ela apresentar dificuldades em compreender ou lidar com a experiência. Seu objetivo é dar ao observador a melhor compreensão das necessidades da criança, tendo também a função de auxiliar no preparo da criança para procedimentos terapêuticos, assim como para que ela descarregue sua tensão após vivenciá-los.

O transtorno do espectro autista (TEA) é um grupo de distúrbios do desenvolvimento neurológico de início precoce, caracterizado por comprometimento das habilidades sociais e de comunicação, além de comportamentos estereotipados. Embora definido por estes principais sintomas, o fenótipo dos pacientes com TEA pode variar muito, abrangendo desde indivíduos com deficiência intelectual (DI), grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais adaptativas, até indivíduos com quociente de inteligência (QI) normal, que levam uma vida independente. Estes indivíduos também podem apresentar uma série de outras comorbidades, como hiperatividade, distúrbios de sono e gastrointestinais, e epilepsia.

Segundo Oliveira (2021), o profissional de enfermagem, sobretudo o técnico de

enfermagem, deve estar preparado para lidar com o comportamento atípico da criança com TEA, promovendo uma abordagem empática, respeitosa e centrada no paciente.

O brinquedo terapêutico é uma ferramenta que permite à criança expressar emoções, compreender situações e se preparar para procedimentos invasivos. Ele pode ser utilizado antes, durante ou após os procedimentos médicos e tem como principais objetivos: reduzir a ansiedade, promover o enfrentamento e estimular a participação ativa da criança no cuidado.

A assistência prestada pela equipe de enfermagem é insubstituível, especialmente no cuidado à criança portadora do TEA, que enfrenta, diariamente, desafios decorrentes em seu cotidiano. Nesse cenário, torna-se, essencial reconhecer a necessidade do brinquedo terapêutico na unidade hospitalar, bem como compreender as responsabilidades e os desafios enfrentados pela equipe, como a prevenção de estresse e ansiedade durante procedimentos realizados, visando à promoção de um cuidado humanizado, capaz de contribuir para a recuperação digna e integral desses pacientes, além de reduzir os sentimentos e sensações desconfortáveis.

Este estudo tem como objetivo compreender a importância da utilização do brinquedo terapêutico em crianças portadoras de TEA em uma unidade hospitalar, visando os principais desafios enfrentados pela equipe de enfermagem no cuidado e manejo e identificar estratégias que assegurem uma assistência humanizada, segura e eficaz.

O TEA, sendo uma condição de natureza neurológica complexa, demanda não apenas conhecimento técnico, mas também preparo emocional e empático por parte da equipe de enfermagem. Nesse contexto, é fundamental investigar e refletir sobre quais estratégias assistenciais podem contribuir para romper barreiras de comunicação, reduzir o estresse e ansiedade e garantir um ambiente terapêutico seguro e respeitoso.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Definição do Transtorno do Espectro Autista

Segundo Maenner et al. (2021), classifica o autismo, chamado de transtorno de espectro autista (TEA), como um transtorno global do neurodesenvolvimento, que se manifesta precocemente, sendo caracterizado por deficits que prejudicam o funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional. Para critérios diagnósticos, os deficits devem ser

persistentes na comunicação e interação social em diversos contextos, tendo padrões restritos e repetitivos de comportamento, de interesse ou de atividades, com sintomas presentes precocemente, e causarem prejuízo clínico significativo.

A etiologia do transtorno do espectro autista ainda permanece desconhecida. Evidências científicas apontam que não há uma causa única, mas sim a interação de fatores genéticos e ambientais. A interação entre esses fatores parecem estar relacionadas ao TEA, porém é importante ressaltar que “risco aumentado” não é o mesmo que causa fatores de risco ambientais. Os fatores ambientais podem aumentar ou diminuir o risco de TEA em pessoas geneticamente predispostas. Embora nenhum destes fatores pareça ter forte correlação com aumento e/ou diminuição dos riscos, a exposição a agentes químicos, deficiência de vitamina D e ácido fólico, uso de substâncias (como ácido valpróico) durante a gestação, prematuridade (com idade gestacional abaixo de 35 semanas), baixo peso ao nascer (< 2.500 g), gestações múltiplas, infecção materna durante a gravidez e idade parental avançada são considerados fatores contribuintes para o desenvolvimento do TEA.

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) em crianças é classificado em três níveis de gravidade, de acordo com o grau de suporte necessário. O nível 1 (I) é considerado leve e indica que a criança necessita de pouco suporte; ela pode ter dificuldades sutis na comunicação social e alguma rigidez de comportamento, mas consegue funcionar com alguma autonomia. O nível 2 (II) é moderado, com necessidade de suporte substancial; a criança apresenta déficits mais evidentes na interação social e maior dificuldade com mudanças de rotina e comportamentos repetitivos. Já o nível 3 (III) é o mais severo e envolve necessidade de suporte muito substancial; nesse caso, a criança tem limitações significativas na comunicação verbal e não verbal, apresenta grande rigidez comportamental e requer supervisão constante para realizar tarefas diárias.

2.2 Manejo com pacientes do Transtorno do Espectro Autista (TEA)

De acordo com Fonseca (2021), Dentre os principais déficits, a pouca atenção direcionada às pessoas, a falta de troca de olhares, sorriso social e gestos são fatores que dificultam a comunicação não verbal da criança com o meio. Quanto ao desenvolvimento da linguagem, as crianças com TEA podem ter uma ausência ou atraso da fala, dificultando ainda mais a interação social dessas crianças. A resistência em alterar a rotina e introduzir novos hábitos são alterações observadas no comportamento dessas crianças, que

tendem a se interessarem mais por atividades com objetos e a realização dessas de forma repetitiva.

Quando os técnicos de enfermagem ou responsáveis desconhecem estratégias de intervenção/ amenização/ prevenção de muitos dos repertórios deficitários descritos no parágrafo anterior, o papel do cuidado tende a sobrecarrega-los podendo ser uma importante fonte de estresse parental. Técnicos de Enfermagem para manejo com crianças com TEA tem reportado taxas mais elevadas de níveis de dificuldades comparado com pais de crianças com outros transtornos do neurodesenvolvimento ou crianças típicas, sem problemas de comportamento, além de apresentarem maior índice de discórdia conjugal (FREULER et al., 2013).

2.3 O Brinquedo Terapêutico (BT)

O processo de hospitalização gera para a criança uma situação estressante e traumática, tirando-a de seu cotidiano e ambiente familiar, para um local desconhecido e permeado pelo medo, promovendo um confronto com a dor, limitação física e passividade. O surgimento da ansiedade e do medo durante procedimentos, faz com que as crianças respondam com intenso desconforto emocional, desenvolvendo sintomas de regressão, ansiedade pela separação, apatia, medos e distúrbios do sono, provocando consequências na vida adulta, tornando pessoas temerosas e com tendência a evitar cuidados médicos.

O Brinquedo Terapêutico (BT) constitui-se num brinquedo estruturado para a criança aliviar a ansiedade causada por experiências atípicas para a idade, que costumam ser ameaçadoras e requerem mais do que recreação para resolver a ansiedade associada, devendo ser utilizado sempre que ela tiver dificuldade em compreender ou lidar com uma experiência difícil ou necessitar ser preparada para procedimentos. O uso do brinquedo terapêutico na assistência de enfermagem à criança é importante, pois pode facilitar uma resposta positiva da criança durante um procedimento doloroso, após demonstração de comportamentos ou respostas, na brincadeira. Hoje, o brinquedo é amplamente reconhecido como uma forma de comunicação universal das crianças.

No que se refere à criança doente, o brinquedo apresenta quatro funções: a primeira é permitir liberar a raiva por meio da expressão; a segunda é a repetição de experiências dolorosas a fim de compreendê-las; a terceira é o estabelecimento de um elo entre o lar e o

hospital e a quarta função é retrair-se para readquirir controle. Essas quatro funções permitem à criança manipular o seu mundo, bem como obter o controle da situação.

2.4 A atuação do Técnico de Enfermagem com ênfase na importância do cuidado e benefícios

Segundo Brasil (2013) o enfermeiro pode desempenhar um papel fundamental na sociedade ao identificar precocemente os sinais e sintomas do TEA, contribuindo para a prevenção de agravos mais graves durante a infância. Esse acompanhamento ocorre por meio das consultas de enfermagem realizadas no âmbito do Programa de Crescimento e Desenvolvimento (CD) para crianças de 0 a 5 anos, estabelecido pelo Ministério da Saúde, que prevê a realização de sete consultas de enfermagem no primeiro ano de vida, duas no segundo ano e uma nos anos subsequentes.

Assim, para que haja um atendimento de qualidade, consideram-se necessárias a participação e a orientação dos profissionais técnicos de enfermagem à família, informando e esclarecendo sobre os cuidados que serão prestados ao paciente com TEA, aspecto de suma importância no progresso de seu quadro clínico dentro de uma unidade hospitalar. No que se refere à criança doente, o brinquedo apresenta quatro funções essenciais para facilitar a linha de promoção ao cuidado e interação do paciente com os técnicos de enfermagem: a primeira é permitir liberar a raiva por meio da expressão; a segunda é a repetição de experiências dolorosas a fim de compreendê-las; a terceira é o estabelecimento de um elo entre o lar e o hospital e a quarta função é retrair-se para readquirir controle. Essas quatro funções permitem à criança manipular o seu mundo, bem como obter o controle da situação.

A relevância dos efeitos do brinquedo terapêutico no preparo de crianças motivou a elaboração deste estudo, que teve como objetivo verificar o efeito da aplicação do Brinquedo Terapêutico sobre o comportamento de crianças com TEA, para realização de procedimentos durante o período de internação em unidades hospitalares.

3. METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido por meio de uma Revisão Sistemática da Literatura, finalidade de pesquisa científica que se caracteriza por seguir protocolos bem definidos, com o objetivo de organizar e interpretar um grande volume de informações disponíveis na literatura. Segundo Galvão (2021), esse tipo de estudo busca compreender o

que funciona e o que não funciona em determinado contexto. Além disso, destaca-se por sua reprodutibilidade, permitindo que outros pesquisadores repliquem o processo e obtenham resultados semelhantes. Para isso, realizou-se um levantamento no repositório Google Acadêmico, abrangendo produções científicas publicadas entre 2020 e 2025, com critérios de elegibilidade específicos: artigos exclusivamente brasileiros, produzidos em território nacional; estudos empíricos e revisões relacionadas ao tema.

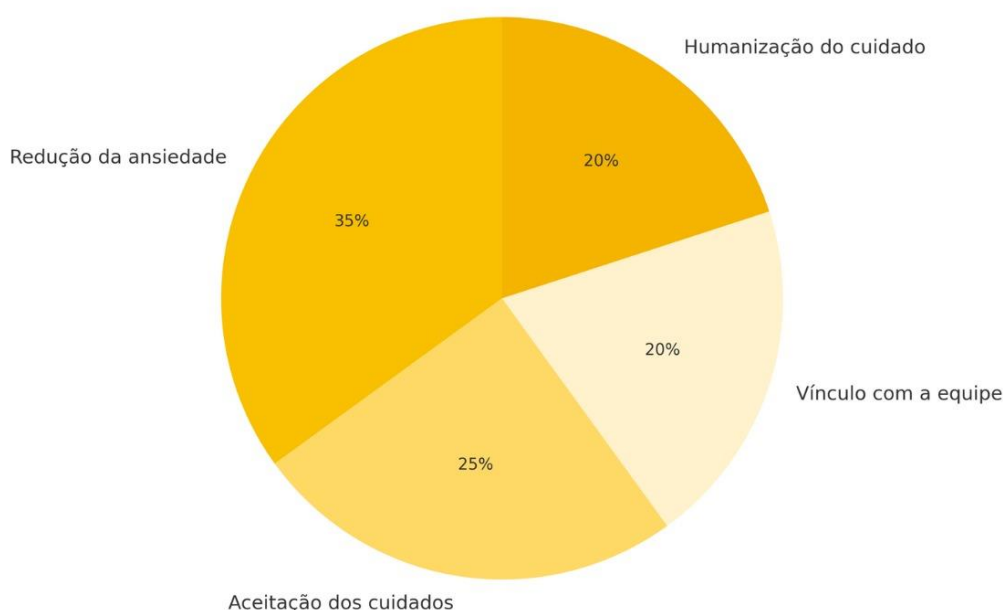
Para a análise realizada, adotou-se a identificação de dados como melhora e aceitação dos cuidados prestados, vínculo com a equipe e técnicos de enfermagem e expressão emocional, com base no referencial teórico.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos estudos analisados, conclui-se que o uso do brinquedo terapêutico deve ser incentivado como parte integrante da prática da enfermagem pediátrica. Além de beneficiar o bem-estar da criança com TEA, essa abordagem fortalece o vínculo entre profissional e paciente, permitindo um cuidado mais empático, respeitoso e individualizado.

Entretanto, apesar de seus benefícios comprovados, o uso do brinquedo terapêutico ainda é pouco explorado na rotina hospitalar. Isso reforça a necessidade de investimentos em capacitação da equipe de enfermagem e na criação de políticas institucionais que valorizem essa prática. Sugere-se que futuras pesquisas investiguem formas de ampliar a implementação dessa estratégia nos diferentes contextos hospitalares, contribuindo para uma assistência ainda mais humanizada e eficaz. Diante dos desafios presentes, grande parte dos técnicos de enfermagem não se sentem aptos ou seguros para realizar a assistência a criança portadora do TEA.

Benefícios do brinquedo terapêutico observados nos estudos



Fonte: Dados coletados mediante pesquisa através de formulário.

A Resolução COFEN nº 678/2021, que estabelece diretrizes para a atuação da enfermagem em saúde com foco no Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfatiza a necessidade de qualificação contínua dos profissionais, visando a um cuidado humanizado e integral a pacientes com esse tipo de transtorno. Entretanto, os dados deste estudo evidenciam lacunas significativas entre a proposta de implementação do uso do brinquedo terapêutico e a realidade apresentada em unidades hospitalares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios expostos, evidencia-se que a importância da implementação do Brinquedo Terapêutico (BT) em unidades hospitalares apresenta um retorno positivo aplicado a crianças com TEA, facilitando o vínculo com os profissionais Técnicos de Enfermagem mediante os procedimentos a serem realizados e a expressão de suas emoções (estresse, ansiedade e sensações desconfortáveis). Os dados analisados revelam um respaldo da falta de preparo técnico da equipe de enfermagem, associada à dificuldade de manejo e interação com crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista baseados em evidências e números estatísticos, onde a educação continuada e preparo desses profissionais com os aspectos e características não só da criança com o brinquedo terapêutico, contribui para

eventos evitáveis, como estresse e práticas assistenciais desumanizadas, que comprometem a dignidade do paciente e prolongam o tempo de internação (CASSOLA et al., 2022).

A temática em si por mais simples que seja apresentada, mostra um cuidado humanizado mediante a taxa desses pacientes que diariamente sofrem em questões como: estar em um ambiente fora do seu habitual, apresentar de forma lúdica como será realizado tais procedimentos em seu período de internação na unidade hospitalar e um vínculo maior e efetivo mediante paciente, técnicos de enfermagem e familiares ou responsáveis. Conclui-se, que a inovação não está apenas na forma de apresentação do brinquedo terapêutico ou na forma de facilidade para realização de procedimentos complexos, mas principalmente no ato de humanizar o cuidado e oferecer o melhor com aquilo que se tem em mãos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo de atenção à criança com TEA. Brasília: MS, 2020.

GOMES, A. C. de A. et al. Revista Biológicas & Saúde, v. 8, n. 1, 2018.

MAIA, E. B. S. et al. Brinquedo terapêutico na assistência de enfermagem. SECAD. 2017.

OLIVEIRA, E. de J. Assistência humanizada de enfermagem à criança com Transtorno do Espectro Autista. 2021.

SANTOS, V. L. A. et al. Compreendendo a sessão de brinquedo terapêutico dramático: contribuição para a enfermagem pediátrica. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, n. 4, 2020.

GRANDIN, T.; PANEK, R. O cérebro autista: pensando através do espectro. Companhia das Letras, 2022.

CASTRO, T. Simplificando o Autismo: para pais, familiares e profissionais. Autografia, 2018.

LOBE, K et. Al, LOBE, M. Autismo explicado para crianças. Matrix, 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas do transtorno do espectro autista (TEA). Brasília, 2022 . Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista>

PSICOINFANTIL. Paulinha. Conheça quais são os tipos de brinquedo terapêutico. Brasil, 2024. Disponível em: <https://paulinhapsicoinfantil.com.br/blog/tipos-de-brinquedos-terapeuticos/>